

XVII Jornada Internacionale de Investigación em Psicologia UCES 2021

Mesa 02- Investigações em Psicanalise de casal e família

Vínculos contemporâneos : um estudo da caracterização dos casais que demandam psicoterapia psicanalítica conjugal.

Renata Kerbauy

renatakerbauy@uol.com.br

*“Não um sem o outro,
e sem o vínculo que os une e os contém.”*

René Kaes

Introdução

Nos últimos anos obtivemos importantes avanços no desenvolvimento teorico-clínico da terapia psicanalítica de casal. Porém ainda existe muito a pesquisar e aprofundar dentro dessa temática.

O interesse por este tema surgiu a partir da minha atuação em um Projeto Clínico de atendimento a casais e famílias do Instituto Sedes Sapientiae- São Paulo, Brasil. Minha inquietação se deu nas supervisões em grupo da equipe, a respeito do funcionamento psíquico dos casais que demandavam psicoterapia. Na mesma época lendo um livro do psicanalista argentino Miguel Spivacow, *Parejas en Conflicto*, ele indagava: Há algún tipo de pareja que se consulta más hoy?

A partir disto resolvi iniciar meu processo de doutoramento. Fiz um levantamento longitudinal durante 10 anos (2009-2019) com 154 casais que foram atendidos em psicoterapia psicanalítica de casal no projeto citado. Esse levantamento foi documental, utilizando os dados dos prontuários e relatórios, verificando: queixas, tempo de terapia, tempo de relacionamento, encaminhamento, idade dos cônjuges e diagnóstico da tipologia (estrutura) do casal .

Na literatura psicanalítica das relações vinculares, a conjugalidade é definida como uma identidade compartilhada e um produto da trama identificatória inconsciente dos sujeitos-parceiros (díade), que se origina na história familiar, seguindo para um ideal conjugal

compartilhado. Levando em consideração o mundo intrapsíquico, intersubjetivo e transubjetivo.

Segundo Eiguer (1984) a conjugalidade está pautada na escolha objetal, originada no interjogo das relações amorosas primitivas, como produto da organização inconsciente do casal, essa organização dará origem a um tipo de vínculo, uma forma de funcionamento psíquico intersubjetivo.

Eiguer (1991) ainda menciona que os casais podem ser organizados em três estruturas: neuróticos, anaclíticos e narcísicos. Os casais neuróticos são organizados pelo Édipo (angústia de castração), funcionam de modo fálico e os temas fundamentais são as dificuldades sexuais, os conflitos em que dominam os ciúmes, rivalidade profissional (o poder) e as dificuldades de trocas verbais, além das crises ligadas a relações extraconjugais. Os casais anaclíticos são organizados pela necessidade de apoio, funcionam de modo a evitar a angústia de separação (perda do objeto) e a depressão, se defendem da solidão. Os temas predominantes são queixas relacionadas á falta de atenção, demandam presença, afeto e apoio. Os conflitos que dominam são o controle, ciúmes e dificuldade com autonomia. Já os casais narcísicos são organizados pela angústia de fragmentação, estabelecem uma relação fusional e utilizam como defesa a negação da realidade. São casais fechados em si, com grandes dificuldades de organização (financeira e no cotidiano), com dificuldades de comunicação e no compartilhar sentimentos, possuem pensamentos ilusórios e muitas vezes se sentem invadidos pelo parceiro.

Em uma pesquisa prévia, realizada na base de dados da Pubmed, da Scielo e da Google Academic, não se encontrou estudos que demonstrem a prevalência dos casais que procuram pela psicoterapia psicanalítica dentro da organização proposta por Eiguer (1991). Desta forma, esta pesquisa está pautada na verificação da caracterização dos casais que demandam psicoterapia psicanalítica de casal, buscando compreender quem são os pacientes/casais que procuram esta modalidade de atendimento, a existência de características incomuns entre eles, e a possibilidade de aprimoramento do manejo clínico psicanalítico. Esses questionamentos levam então a questão norteadora deste estudo: Através da caracterização e predominância dos casais que buscam a psicoterapia psicanalítica, utilizando os tipos propostos por Eiguer (1991) é possível estabelecer um aprimoramento no manejo clínico de maneira mais específica?

A escuta dos sofrimentos psíquicos que se entrelaçam nos vínculos intra e intersubjetivos, para os quais a abordagem individual resulta muitas vezes limitada, constitui uma tarefa que se torna possível a partir de um dispositivo grupal proposto pela psicoterapia

psicanalítica de casal e família, um recurso para acompanhar as crises, mudanças e sofrimentos que o casal/família deve enfrentar.

As situações psicanalíticas pluripessoais, como o tratamento de casais, envolvem uma metodologia e um dispositivo psicanalítico específico, especialmente para tratar questões vinculares.

O número de novas formas de se relacionar tem aumentado significativamente nos últimos anos, constituindo muitas vezes novos desafios teóricos-clínicos para atuais analistas. As transformações ocorridas na sociedade, que permitiram o surgimento de outros modelos para além da família hierárquica patriarcal foram impulsionados por vários movimentos sociais, o principal deles a emancipação feminina, influenciando a dinâmica relacional. Assim como a legalização do divórcio, que fez os vínculos conjugais passarem a se nortear pela qualidade afetiva (Gomes,2009).

Frente á perda do ideal monogâmico e heteronormativo regulando a sexualidade e relações amorosas, surgem novas modalidades de relacionamentos constituindo famílias: Poliamorista, homoparental, monoparental, famílias reconstituídas, intercultural entre outras Neste cenário, é importante salientar que a família tradicional, formada pelo casal heterossexual, foi a base de sustentação da teoria freudiana, no entanto, com o transcorrer do tempo a própria psicanálise se ampliou justamente para abarcar as transformações da atualidade(Carneiro,T,2009.p.83).

A sociedade contemporânea é caracterizada pela velocidade com que se operam as mudanças e a fragilidade dos diversos vínculos de ordem conjugal, familiar, profissional e social que incidem de diversas formas, nas configurações conjugais.

As situações conflituosas ou de mal-estar dos casais precisam ser pensadas em funções dos vínculos intersubjetivos na interação manifesta e latente da dupla-casal e não só na dimensão de mundo interno e fantasmático de cada um (Correa,2013).

A falta de estudos com este enfoque faz com que muitos ambulatórios e clínicas privada deixem de atender esta demanda de sofrimento compartilhado (casal e família). Assim, uma das justificativas desta pesquisa está na contribuição para ampliação desta modalidade de atendimento, dando respaldo e capacitação de profissionais que atuam clinicamente, assegurando assim socialmente o direito ao acesso de um tratamento específico. Além disso, outra justificativa está na importância de ajudar profissionais, quebrando paradigmas e impulsionando-os a fazer diferente e, principalmente fornecer um olhar de um “novo fazer clínico”, proporcionando mais segurança no entendimento psíquico conjugal e manejo clínico.

Com análise da caracterização dos casais que demandam psicoterapia conjugal facilitaríamos a compreensão do funcionamento psíquico conjugal. Desse modo, a originalidade desta pesquisa deve-se a seu objeto de estudo, mas também ao procedimento adotado, tratando-se de uma pesquisa longitudinal de uma década. Trata-se de uma pesquisa quanti-qualitativa, caracterizada por um estudo documental, exploratório e descritivo.

Os Tipos de vínculos Conjugais:

Entende-se por tipologia a estrutura psíquica com base em critérios metapsicológicos, a partir dos quais se configura o desenvolvimento do indivíduo. São eles: a angústia organizadora, as modalidades de relação objetal predominantes, as técnicas defensivas mais intensas e utilizadas, e o grau do desenvolvimento egóico e pulsional (Bergeret,1974).

No casal, também, há uma tipologia predominante, que estrutura essa nova organização psíquica (Eiguer,1984).

Para tanto precisamos compreender o conceito psicanalítico da escolha objetal. No texto “Sobre o Narcisismo: Uma introdução”, Freud (1966) discorre sobre a antítese entre a libido do ego e a libido objetal. Quanto mais uma é investida, mais a outra é esvaziada. Assim, o excesso de libido do ego é fator de desconforto e adoecimento, o que implica na necessidade de ultrapassar os limites do narcisismo e ligar a libido a objetos. Enfim, o adoecimento se dá na incapacidade de amar.

Freud define dois caminhos de escolha objetal: a Anaclítica e a Narcísica, tendo como base os objetos parentais internalizados e as identificações do período edípico. A escolha anaclítica (apoio ou ligação) está pautada na semelhança com o primeiro objeto da criança, que é a mãe ou quem a substitui, sendo a escolha pela pessoa que cuida e protege. A escolha narcísica está pautada na procura de si mesmo como objeto amoroso.

Os tipos libidinais, a partir dos quais os tipos psicológicos são estabelecidos e cuja libido é o divisor, são descritos como: erótico, obsessivo e narcisista.(Freud,1931)

O tipo erótico tem como principal interesse a vida amorosa. Amar, mas acima de tudo ser amado. Aqui, é dominado pelo medo de perder o amor, e por isso tem particular dependência dos outros, que podem lhe negar o amor. Esse tipo representa as exigências instintuais do seu id, com que as outras instâncias psíquicas tornam-se dóceis.

O tipo obsessivo caracteriza-se pela predominância do supereu. É dominado pelo medo da consciência moral, em lugar do medo ante a perda do amor. Difere do tipo erótico, que tem mais uma dependência interna do que externa. No tipo narcisista, o interesse é dirigido para a autopreservação. A partir da teoria freudiana, Eiguer (1989) discute sobre alguns modelos de escolha amorosa na conjugalidade. Em relação ao funcionamento da díade

compreendida como um grupo, são relatados três tipos de casais: anaclíticos, narcísicos e edípicos (neuróticos).

Os casais são organizados psiquicamente de formas distintas, com vínculos próprios. Como vínculo psicanalítico, pensa-se em um conceito que transcorre na intersubjetividade, em que cada sujeito é determinado, de modo inconsciente, por pertencer ao vínculo, criando-se uma realidade psíquica compartilhada (Maguillansky, 2011).

Resultados parciais e discussão

Na análise quantitativa, foram analisados os prontuários de 154 casais, que aderiram o processo psicoterápico na instituição entre os anos de 2009 á 2019.

O levantamento analisou as queixas, idades dos pacientes, tempo de relacionamento, encaminhamento, duração do processo psicoterápico e tipos/ estruturas dos casais.

A queixa com maior prevalência foram brigas, desentendimentos por motivos gerais seguidos das questões ligadas aos problemas comunicacionais com respectivamente 47% e 14%.

Os encaminhamentos foram feitos, em sua maioria da própria instituição com 28% do total seguidos de 24% vindos da internet. Sendo que a procura pela internet teve um aumento significativo a partir do ano de 2012.

O tempo de relacionamento dos casais que demandam terapia apontou para relacionamentos com 6-10 anos de relação com 27% no total, seguidos de 25% de 0-5 anos de relação e 21% com 11-15 anos de relação. Ou seja, 73% dos casais que demandam psicoterapia possuem de 5 a 15 anos de relação estável.

A maioria dos pacientes que buscaram terapia conjugal está na faixa etária de 31 a 50 anos de idade. Totalizando 65% dos casais.

Quanto ao tempo do processo psicoterápico 28% dos casais que iniciam um tratamento passam de 6 meses de duração de terapia, seguidos de 24% que aderem o processo por 5 meses. Importante salientar que os atendimentos ocorrem com frequência semanal com duração de 1 hora e meia cada atendimento e o prazo máximo oferecido pela instituição é de um ano de duração.

O último item averiguado , referente ao tipo/estrutura psíquica conjugal, obtivemos o diagnostico de 59% de casais anaclíticos, seguidos de 26% de casais com funcionamento narcísico e 13% de funcionamento considerados neuróticos, dentro desta modalidade de entendimento psíquico. Vistos apenas 3% considerados perversos (vínculos patológicos tóxicos).

Esta pesquisa ainda se encontra em andamento, faltando a coleta da análise qualitativa, onde utilizaremos entrevistas semi-estruturada com 5 psicanalistas de casais da equipe, questionados sobre o diagnóstico dos vínculos que serão analisados através do método de análise do conteúdo.

Considerações finais

A literatura ressalta que, em todos os casais a tendência á fusão e á diferenciação coexistem no jogo interacional de seus membros. Para Lemaire (1988), o casal se constitui, justamente, em torno das zonas mal definidas do “eu” de cada parceiro; enquanto Nicolló (1993) ressalta que na constituição do casal há um espaço de oscilação contínua, em que cada cônjuge é uma extensão do outro, ao mesmo tempo em que é diferenciado do outro.

Nos casais estudados percebemos que a tendência a busca de apoio e completariedade prevalecem. Como defesas psíquicas utilizam a clivagem do objeto e exercem certo controle sob o parceiro, com medo da perda do parceiro, talvez o temor e receio da angústia da perda do objeto, pode ser o motivo deste tipo de casal demandar mais terapia de casal. São casais com mais dificuldades para rupturas, desta maneira buscam mais ajuda para resolução dos conflitos.

Os resultados obtidos nesta investigação nos permitiram conhecer melhor o paciente- casal, suas características e seu modo de funcionamento ,refletir sobre suas defesas, vínculos e repensar sobre o manejo clínico nesta modalidade de atendimento. Por enquanto temos apenas a análise quantitativa, a análise qualitativa está em coleta.

Referências Bibliográficas:

- Lemaire,J.(1988).Du je au nous,ou du nous au je?Il n’y a pas de sujet tout constitué. In: Dialogue Recherches cliniques et sociologiques sur le couple et la famille, n.102,v.4,p.72.
- Nicolló,A. (1995).O modelo psicanalítico de funcionamento do casal.In : O casal em crise.São Paulo: Sumus.
- Eiguer,A.(1981).La thérapie familiale psychanalytique.Paris:Dumond.
- Eiguer,A.(1985). Um divã para a família.Porto Alegre,Artes Médicas.
- .FREUD, Sigmund. *Introdução ao Narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*.Tradução de Paulo Cesar de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- KAËS, René. O sujeito de herança. In R, Kaes; H, Fraimberg *et al.* (Org.), *Transmissão da vida Psíquica entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- KAËS, René. *Os espaços psíquicos comuns e partilhados: transmissão e negatividade*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.
- MOGUILLANSKY, Rodolfo, Nussbaum, Silvia.L. *Psicanálise Vincular – teoria e clínica*. Vol. 1: Fundamentos teóricos e abordagem clínica do casal e da família. Tradutores Sandra M. Dolinsky e Marta D. Claudino. São Paulo: Zagodoni Editora, 2011.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

- Eiguer, A. (2006). Por um psicoanálisis familiar recreativo. *Psicoanálisis e intersubjetividad: familia, pareja, grupos e instituciones*, (1). Recuperado em 11 de agosto de 2006, de www.intersubjetividad.com.ar

